

# PERSONAGENS E FOCO NARRATIVO NO PRIMEIRO CAPÍTULO DO EVANGELHO DE MARCOS: APLICANDO OS PRINCÍPIOS DE ROBERT ALTER

**PATRÍCIA TEIXEIRA DE OLIVEIRA DIDONÉ\***

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 23 jun. 2022. Aprovado em: 31 ago. 2022.

Como citar este artigo: DIDONÉ, P. T. O. Personagens e foco narrativo no primeiro capítulo do Evangelho de Marcos: aplicando os princípios de robert alter. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 3, p. 82-94, set./dez. 2022. doi: 10.5935/cadernosletras.v22n3p82-94

## Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a narrativa do capítulo 1, versículos 1 a 45, do Evangelho de Marcos na versão da Bíblia Almeida Revista e Atualizada seguindo a abordagem proposta por Robert Alter no livro *A arte da narrativa bíblica*. A análise do Evangelho de Marcos sob uma abordagem literária revelou que o narrador utiliza diversos elementos constitutivos da narrativa para tecer uma obra complexa. Assim, examinar de perto a influência desses elementos contribui para, além de compreender o sentido da narrativa, perceber a construção da trama na qual o leitor é convidado a se envolver.

---

\* E-mail: didonepatricia@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2844-2738>

## Palavras-chave

Análise literária. Bíblia. Narrativa.

Este estudo objetiva analisar a narrativa do primeiro capítulo do Evangelho de Marcos na versão da Bíblia Almeida Revista e Atualizada seguindo a abordagem proposta por Robert Alter no livro *A arte da narrativa bíblica*. Como integrantes de uma cultura ocidental, estamos habituados à leitura de narrativas em que se faz uma especificação de dados ficcionais. No entanto, ao fazer uma análise literária de um texto bíblico, temos de, segundo Alter (2007, p. 40), “aprender a reparar com mais sutileza na complexidade e na economia de detalhes expressivos no texto bíblico”.

A análise de personagens bíblicos como personagens de ficção permite realçar seus aspectos contraditórios e multifacetados (ALTER, 2007, p. 28); e no que tange às questões de autoria, dependemos da tradição e das evidências intertextuais. Em relação à autoria do evangelho de Marcos, para Gundry (1999, p. 58):

O primeiro dos evangelhos a ser escrito deriva seu nome de João Marcos, o qual figura como companheiro de Paulo, Barnabé e Pedro, no livro de Atos e nas epístolas. Papias, pai da Igreja antiga, segundo se sabe, disse na primeira metade do século II D. C. que Marcos anotou cuidadosamente, em seu evangelho, as reminiscências de Pedro sobre a vida e os ensinamentos de Jesus, embora nem sempre em ordem cronológica ou retórica.

Gundry (1999, p. 59) acrescenta:

Com raras exceções, Marcos é o evangelho da ação, e não dos longos discursos. Em uma narrativa de movimentos rápidos, Marcos narra as atividades de Jesus na qualidade do poderoso e autorizado Filho de Deus, particularizando Seus milagres de curas e exorcismos. [...] Um advérbio, usualmente traduzido por “imediatamente” ou “logo”, ou alguma expressão semelhante, é a palavra-chave. Marcos gostava tanto de usar o termo que nem sempre ele quis dizer “imediatamente” no sentido estrito, tendo-o usado simplesmente como elemento de transição para transmitir a ideia que Jesus mostrava-se constantemente atarefado, na qualidade de Servo trabalhador.

No capítulo 1 do evangelho de Marcos, há grande preponderância da voz narrativa. Dos 45 versículos que compõem o primeiro capítulo, 30 são compostos exclusivamente da voz narrativa. O narrador construído em terceira pessoa detém conhecimento completo dos fatos – onisciência ilimitada. Durante o relato, o narrador demonstra possuir conhecimento interno dos acontecimentos, sentimentos e percepções das personagens.

O capítulo 1 do Evangelho de Marcos pode ser dividido em duas partes distintas com foco narrativo em diferentes personagens: a primeira com foco narrativo no personagem João Batista; e a segunda parte com foco narrativo no personagem Jesus. Os eventos narrativos da primeira parte abrem caminho e possibilitam os eventos da segunda. Segundo Robert Alter (2007, p. 102):

Um evento narrativo propriamente dito ocorre quando o ritmo da narração desacelera o suficiente para que capturemos uma cena<sup>2</sup> singular, para que tenhamos a ilusão de que a cena se desenrola em “tempo real” e para que imaginemos a interação dos personagens ou grupo de personagens com toda sua carga de motivações, objetivos, traços de personalidade, condicionamentos políticos, sociais ou religiosos e significados morais e teológicos que emanam de suas falas, gestos e atos.

É importante mencionar que o autor deixa explícito nos versículos introdutórios do capítulo que a personagem do episódio 1 é coadjuvante, apenas um mensageiro. O objetivo do capítulo é narrar os eventos relativos a Jesus Cristo, protagonista da segunda parte do capítulo 1 e nomeado na introdução Marcos 1:1 “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”.

<sup>2</sup>Conforme está escrito na profecia de Isaías: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho; <sup>3</sup>voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas; <sup>4</sup>apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados. <sup>5</sup>Saiam a ter com ele toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. <sup>6</sup>As vestes de João eram feitas de pelos de camelo; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. <sup>7</sup>E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno

2 A cena se opõe ao sumário narrativo que condensa um grande volume de informações em um curto período para avançar a narrativa. Os dois se alternam sendo responsáveis pelo ritmo da história (GENETTE, 2017, p. 160-161).

de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias.<sup>8</sup>Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.<sup>9</sup>Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia<sup>3</sup> e por João foi batizado no rio Jordão.

O foco narrativo no personagem João Batista estende-se do versículo 2 ao 9. O versículo 2, introdutório, apresenta-nos, através da retomada da profecia de Isaías, que Deus enviará seu mensageiro. Em seguida, no versículo 3, uma voz identificada apenas como “voz do que clama no deserto” ordena que preparem “o caminho do Senhor”. Após o chamado, aparece João Batista. Os eventos narrativos (v. 4-6) nos apresentam as motivações, a importância e as características do personagem. Esses eventos refletem e corroboram elementos da fala direta do personagem (v. 7 e 8). Durante sua fala, João Batista contrasta seu batismo com água com o batismo que “ele” (referindo-se a “aquele que vem após mim e é mais poderoso que eu”) realizará não com água, mas com o “Espírito Santo”. Quanto à perspectiva, Alter (2007, p. 105) diz que a narração é usualmente a reafirmação em terceira pessoa do que foi dito em diálogo. No versículo 9, o narrador introduz o protagonista, que se submete ao batismo por João Batista, chamando-o de Jesus de Nazaré da Galileia (ênfaticamente sua origem e não sua filiação). Os dois personagens interagem “veio Jesus” e “por João foi batizado”, então o foco narrativo passa de João Batista a Jesus. O pronome “ele” usado pelo narrador nos eventos narrativos (v. 4-6) refere-se a João Batista; já no versículo 10, o pronome “ele” passa a ter como referente Jesus. Apenas após o batismo, a voz celeste, anteriormente não identificada, em discurso direto revela quem é e assume a paternidade de Jesus: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” e o título “filho de Deus” exposto na introdução (v. 1) se define. Desse ponto em diante, o narrador refere-se ao personagem apenas como Jesus.

<sup>10</sup>Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele. <sup>11</sup>Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo. <sup>12</sup>E logo o Espírito o impeliu para o deserto, <sup>13</sup>onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam. <sup>14</sup>Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, <sup>15</sup>dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.

3 Todos os grifos foram feitos pela autora deste artigo para destacar aspectos importantes para a análise realizada.

Os versículos 10 a 14 revelam que, imediatamente após o batismo, “logo ao sair da água”, Jesus vê o céu se abrir (v. 10); a forma abrupta e violenta como isso se deu é enfatizada pelo verbo ‘rasgar’: “os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele”. O espírito impele Jesus (recém-revelado como filho de Deus) para o deserto e lá ele permanece por “quarenta dias” – a primeira marcação temporal. Podemos observar que nos versículos 12 e 13 o narrador não está interessado nos fatos que ocorrem ao longo dos 40 dias no deserto, e sim em qual o efeito gerado no personagem. Os acontecimentos desses 40 dias são sucintamente resumidos em um versículo (v. 13): “tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam”. Nos versículos seguintes, João Batista não é mencionado, tendo seu arco narrativo concluído apenas no versículo 14, quando o narrador casualmente menciona que João foi preso sem se deter a detalhes ou explicar quando, por que ou por quem. O fato de o narrador explicar que Jesus só foi para a Galileia depois da prisão inexplicada de João sugere ao leitor que a ida de Jesus pode ser uma fuga e/ou que a prisão de João pode ser um mau presságio.

<sup>16</sup>Caminhando junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. <sup>17</sup>Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. <sup>18</sup>Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. <sup>19</sup>Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. <sup>20</sup>E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus. <sup>21</sup>Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga. <sup>22</sup>Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas. <sup>23</sup>Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: <sup>24</sup>Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus! <sup>25</sup>Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem. <sup>26</sup>Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele. <sup>27</sup>Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!.

O autor escolhe não descrever a ida para a Galileia e no versículo seguinte (v. 16) Jesus já se encontra “caminhando junto ao mar da Galileia. Os versículos 16-20 configuram o personagem Jesus como alguém em busca de seguidores para cumprir o desígnio anterior: pregar o evangelho de Deus. O

evento narrativo do versículo 16 nos informa que Jesus viu Simão e André, o que eles faziam no momento “lançavam redes ao mar” e por que “eram pescadores”. Então, em discurso direto, sabemos o que aconteceu: “disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (v. 17). A explicação dada pelo narrador no versículo anterior é importante para a compreensão da alegoria “pescadores de homens” e vai ao encontro da temática “conquista de seguidores”. O narrador retoma a palavra e nos explica qual atitude dos irmãos perante o convite “Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram” (v. 18). O chamado não é questionado, é imediato e incondicional “o seguiram”.

O narrador indica uma breve passagem de tempo “pouco tempo depois” e nos apresenta uma segunda abordagem e convite: “Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes. E logo os chamou. Deixando no barco seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus” (v. 19-20). O narrador revela a filiação de Tiago, “filho de Zebedeu”, informação que se mostra importante, pois logo em seguida relata que apenas Tiago e João seguiram Jesus, Zebedeu e os empregados ficaram no barco. Esse fato possibilita ao leitor inferir diversas razões pelas quais apenas os irmãos escolheram seguir Jesus: será que Jesus não viu as demais pessoas e por isso não as chamou? Isso é pouco provável, pois o narrador explicou que os irmãos estavam em um barco com outras pessoas – Zebedeu e os empregados. Dito isso, podemos deduzir que o convite tenha sido feito a todas as pessoas presentes e que Zebedeu e os empregados escolheram não seguir Jesus; sugerindo ao leitor que talvez haja resistência e que nem todos queiram segui-lo.

O versículo 21 traz a segunda referência a uma cidade “Cafarnaum” e a primeira referência a um dia da semana “(sábado)” e a uma edificação (“sinagoga”). O personagem permanece por um tempo em Cafarnaum, e utiliza suas instituições religiosas para suas atividades. Há um paralelo ensinar/ensinava nos versículos 21 e 22 explicando a razão de Jesus estar lá e mostrando qual o efeito desses ensinamentos sobre os seguidores “maravilhados”; explica-se, então, o porquê de estarem maravilhados “porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas”. Evidencia, assim, que as pessoas presentes começavam a fazer comparações entre o modo como Jesus ensinava (novo) e o modo como os escribas ensinavam (tradição).

A resistência de alguns aos ensinamentos de Jesus, sugerida pela permanência de Zebedeu no barco, é materializada no versículo 23, quando nos é

apresentado um personagem antagonista, sem nome, referido apenas como “um homem”, qualificado pelo narrador como sendo “possesso de espírito imundo”. O narrador não explica quem é o homem e o que o levou a ir à sinagoga, em vez disso, muda para o discurso direto “o qual bradou: 24Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!”. Através da fala do homem percebemos que ele sabe quem é Jesus e, mesmo assim, escolhe confrontá-lo: refere-se a Jesus como “Nazareno” e afirma saber que ele é “o Santo de Deus” e não o Filho de Deus.

Para Alter (2007), o fato de a Bíblia trazer o fato narrado para o discurso direto desenha com nitidez a figura do homem usando as palavras tanto para produzir um determinado efeito como para deixar clara sua intenção:

os escritores bíblicos muitas vezes estão menos interessados nas ações enquanto tais do que em como os personagens as praticam ou reagem a elas; e o discurso direto é o principal instrumento para a revelação das respostas, variadas e muitas vezes sutis, dos personagens às ações em que estão envolvidos (ALTER, 2007, p. 106).

A apresentação do antagonista é sucedida por um diálogo contrastivo entre o homem e Jesus. Considera-se assim quando há justaposição de diferentes estilos de fala entre os personagens. O recurso mais comumente usado no diálogo contrastivo é a justaposição de frases muito curtas a alguma forma de verborragia (ALTER, 2007, p. 115).

O narrador afirma que a fala do homem é um “brado”, indicando voz forte e enérgica de forma a ser ouvida longe ou com temor. Brado este composto por duas perguntas e uma exclamação: “Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!”. O brado questionador e sarcástico do homem contrasta com a resposta curta e assertiva de Jesus, que o repreende falando: “Cala-te e sai desse homem”. Assim, temos de um lado um homem, possuído por um espírito com questionamentos e ira compreensivelmente humanas, e, de outro, um agente da vontade divina, movido pelo senso imperioso de sua autoridade profética. Dessa forma, Jesus não fornece explicações – ordena – e sequer dirige-se ao homem, mas diretamente ao espírito já descrito pelo narrador. Ainda segundo Alter (2007, p. 115):

A técnica do diálogo contrastivo funciona bem porque a prática permanente da narrativa bíblica, com algumas raras e marginais exceções, limita a cena a dois

personagens de cada vez ou, eventualmente, ao diálogo entre um personagem e um grupo que fala numa única voz, como um interlocutor coletivo.

O episódio é concluído no versículo 27, informando que os seguidores não estavam apenas “maravilhados” (v. 22), mas também “admirados” (v. 27). O narrador reforça essa admiração trazendo a narrativa para o discurso direto “a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!”. O interlocutor coletivo, ou seja, um grupo que fala em uma única voz, faz uma pergunta com espanto e estupefação: “O que vem a ser isso?”, respondida pelo mesmo grupo: “Uma nova doutrina”. A segunda pergunta está implícita – em que essa doutrina difere da antiga? –, a qual o interlocutor coletivo novamente responde: “Com autoridade ele ordena os espíritos imundos, e eles lhe obedecem” (v. 27). O entusiasmo e o espanto dos seguidores são realçados pelo uso de exclamações.

Na prosa bíblica, a reiteração de palavras-chave formalizou-se numa convenção fundamental para o desenvolvimento temático do que a repetição de palavras significativas costuma ter em outras tradições narrativas (ALTER, 2007, p. 143). Dito isso, é importante pontuar que, nesta parte, há duas instâncias da palavra “doutrina” (v. 22 e 27) e duas da palavra “autoridade”, ambas qualificadas por “maravilha” e admiração”, além do paralelo “ensinar/ensinar” (v. 22 e 23) – a repetição dos vocábulos indica que a conquista de seguidores por Jesus deu-se a partir da “maravilha” e “admiração” causadas por seus “ensinamentos” com “autoridade” de uma “nova doutrina”. Tamanha “admiração” e “maravilha” justificam o próximo versículo (28) onde o narrador relata o alcance da fama de Jesus:

<sup>28</sup>Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galileia. <sup>29</sup>E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André. <sup>30</sup>A sogra de Simão achava-se acamada, com febre; e logo lhe falaram a respeito dela. <sup>31</sup>Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los. <sup>32</sup>À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados. <sup>33</sup>Toda a cidade estava reunida à porta. <sup>34</sup>E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era. <sup>35</sup>Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava <sup>36</sup>Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam. <sup>37</sup>Tendo-o encontrado, lhe disseram:

**Todos te buscam.** <sup>38</sup> Jesus, porém, lhes disse: **Vamos a outros lugares**, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim.

Os vocábulos “correu”, “fama” e “todas as direções” introduzem o motivo do restante do capítulo, marcado pelo movimento “correu”, “saindo”, “foram”, “aproximando-se”, “trouxeram”, “levantando”, “saiu”, “procuravam”, “mostravam”, “vamos”. Alter (2007, p. 147) define motivo como algo concreto, “uma repetição de uma imagem concreta, de uma qualidade sensorial, de uma ação ou objeto ao longo de uma determinada narrativa”.

Um longo evento narrativo (v. 28-36) exalta o alcance e celeridade da fama de Jesus. No entanto, o movimento é desacelerado quando o narrador se detém na cura da sogra de Pedro. Anteriormente, Jesus havia expulsado o “espírito imundo” do homem por meio da fala. Aqui, ficamos sabendo, pela primeira vez, que Jesus também cura enfermidades (“febre”) por meio do toque (“tomou-a pela mão; e a febre a deixou. A sogra de Pedro “passou a servi-lo”, sendo a primeira pessoa a se beneficiar da cura de uma enfermidade física e cuja grande repercussão foi vista no mesmo dia: “a tarde, ao cair do sol” as pessoas “trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados. Toda a cidade estava reunida à porta”. O narrador não explica como ocorreram essas curas, faz apenas um resumo das atividades de Jesus afirmando que “ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios”. O narrador explica a razão de não haver necessidade de diálogo entre Jesus e o espírito (como ocorreu no versículo 25) “não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era”. Essa intromissão é uma repetição indireta de “fama” – não era mais necessário falar, pois todos (humanos e espíritos/demônios) “sabiam quem ele era”.

Após as curas e expulsões de demônios, Jesus não consegue dormir e torna-se introspectivo, procurando afastar-se de todos (v. 35) “Tendo-se **levantado** alta madrugada, **saiu, foi para um lugar deserto** e ali orava”. Sabemos que esse afastamento fora proposital, pois, no versículo seguinte, o grupo “Simão e os que com ele estavam” precisaram procurar Jesus “diligentemente”. O encontro de Jesus com seus seguidores suscita (v. 37-38) um diálogo entre um interlocutor coletivo (Simão e aqueles que com ele estavam) e Jesus. Novamente contrastando a economia de palavras de Simão, “todos te buscam” com a longa fala de Jesus “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim”. Em sua fala, Jesus

reitera o motivo – movimento – “Vamos a outros lugares” e sua intenção de evangelizar “pois para isso é que eu vim”.

<sup>39</sup>Então, foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios. <sup>40</sup>Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. <sup>41</sup>Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo! <sup>42</sup>No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. <sup>43</sup>Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu <sup>44</sup>e lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo. <sup>45</sup>Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia, a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele.

O narrador acelera a narrativa com um sumário das atividades de Jesus, ou seja, faz um resumo sintético e não uma apresentação de acontecimentos públicos (GENETTE, 2017): “Então, foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios” (v. 39), seguido de um diálogo entre um leproso e Jesus. A lepra, ou hanseníase, é uma grave doença infecciosa de pele transmitida principalmente pelo toque. Até a segunda metade do século XIX não havia um tratamento eficaz contra a doença e seu controle se dava, assim como nos tempos bíblicos, pelo afastamento social e isolamento do doente. O narrador destaca a submissão do leproso “rogando-lhe de joelhos” antes de passar ao discurso direto “se quiseres, podes purificar-me”. Antes de dar continuidade ao diálogo, no entanto, o narrador faz duas intromissões entre as falas de Jesus: a primeira para revelar ao leitor o sentimento de Jesus “compadecido” e a segunda para descrever a cena “estendeu a mão, tocou-o”. Assim como ocorreu com a sogra de Pedro, a cura se dá pelo toque, e Jesus, como narrado, não se contamina – o cura. Só então tem-se a continuidade do diálogo quando Jesus fala “Quero, fica limpo!”. O narrador novamente interrompe o diálogo entre o leproso e Jesus para explicar que o efeito fora positivo e imediato “No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo” (v. 42), e, para justificar a fala seguinte de Jesus (“não digas nada a ninguém”) (v. 43), o narrador descreve como “veemente advertência”. Essa advertência é justificada se lembrarmos que, após a cura da sogra de Pedro, Jesus saiu na alta madrugada para orar isolado de todos, decidindo, em seguida, abandonar o lugar. O versículo 45 conclui o capítulo 1 de Marcos. Nele, ficamos

sabendo, através do narrador, que o leproso (agora curado) não acatou o pedido de Jesus, pois “entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia”, e explica a razão da advertência, sua fama foi tamanha “a ponto de não podendo mais Jesus entrar publicamente em qualquer cidade”; retomando o tema “correu célere a fama” (v. 28). O narrador encerra o versículo 45 afirmando que Jesus partiu para “lugares ermos”, mas que obteve êxito em evangelizar, pois “de toda parte vinham ter com ele”. De acordo com Alter (2007, p. 104), o público hebreu da antiguidade teria reconhecido, neste último versículo, a conclusão do episódio, pois ali está o que o autor chama de fecho formular do personagem, que parte para um lugar diferente – uma das convenções bíblicas predominantes para marcar o fim de um segmento narrativo.

Neste estudo, buscou-se aplicar o método da crítica literária descrito por Alter (2007) ao capítulo 1, versículos 1 a 45, do Evangelho de Marcos. A análise do Evangelho de Marcos sob uma abordagem literária revelou que o narrador utiliza diversos elementos constitutivos da narrativa para tecer uma obra complexa. Assim, examinar de perto a influência desses elementos contribui para, além de compreender o sentido da narrativa, perceber a construção da trama para a qual o leitor é convidado a se envolver.

Uma abordagem literária no Evangelho de Marcos conduz o leitor a enxergar tal relato como sendo uma narrativa. Isso possibilita ignorar a forma como os fatos são narrados em prol de atentar-se aos fatos em si. Ao analisar o Evangelho de Marcos enquanto narrativa e não necessariamente como história, procurou-se expor a habilidade e sofisticação do autor em concatenar fatos, personagens e demais estratégias narrativas para conduzir seu leitor por um percurso narrativo específico. Fica evidente que nenhum dos detalhes contidos na trama devem ser considerados triviais. Segundo Luís Alonso Schökel (2002, p. 125):

Marcos evoca urna figura desconcertante ante um auditório desconcertado Marcos é mestre de urna escritura “a duas vozes”. Detém-se numa cena, seleciona dados certos que dão impressão de realismo, explora o dramatismo.

Sejam personagens, sejam detalhes quanto ao cenário, seja o tempo narrativo, seja alguma lacuna deixada pelo narrador, toda a construção narrativa em Marcos 1 aponta para informações bem precisas que o narrador deseja que sua audiência conheça, e, a partir desse conhecimento, interaja e responda, preenchendo com sentido as provocações contidas no texto.

A voz do narrador no capítulo 1 do Evangelho de Marcos é algo que caracteriza a obra. É a partir das impressões, comentários e lacunas deixados pelo narrador que o leitor tem contato com o mundo do texto. O leitor desatento talvez não perceba o interesse do narrador, mas por meio da análise literária é possível verificar que toda ação ou omissão do narrador têm como objetivo gerar algum efeito em sua audiência. Pois, a atuação narrativa tem

[...] um papel finamente modulado a cada momento, quase sempre determinante na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto (ALTER, 2007, p. 15).

Neste artigo, além do narrador, analisou-se a relação entre o narrador e o foco narrativo. Ao alternar o foco narrativo de um personagem para outro, o narrador desenvolve a arte de contar a história sob o ponto de vista que mais lhe for conveniente para gerar o efeito desejado em sua audiência. Assim, tendo em vista que o narrador não é neutro, verifica-se que sua arte de narrar os acontecimentos é detalhadamente pensada a partir dos personagens específicos.

## Characters and Narrative Focus in the First Chapter of the Gospel of Mark: Applying Robert Alter's Principles

### Abstract

This study aims to analyze chapter 1, verses 1 to 45, of the Gospel of Mark in the Almeida Revised and Updated version of the Bible, following the approach proposed by Robert Alter in the book *The art of biblical narrative*. The analysis of the Gospel of Mark under a literary approach revealed that the narrator uses several constitutive elements of the narrative to weave a complex and mesmerizing text. Thus, closely examining the influence of these elements contributes to understanding the narrative's meaning and perceiving the plot's construction, which masterfully invites the reader to become involved.

### Keywords

Literary analysis. Bible. Narrative.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F. de (tradutor). *A Bíblia Sagrada*. Revista e Atualizada no Brasil. [2022]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara/mc/1>. Acesso em: 10 maio 2022.

ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GENETTE, G. *Figuras III*. São Paulo: Editora Liberdade, 2017.

GUNDRY, R. H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

SCHÖKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. Tradução Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2002. Título Original: *Bíblia del Peregrino*, Edición de estudio.